

Equipe médica retirou o coração do filho de ACM sem o consentimento da família

GLOBO

Presidente do Senado chegou a ameaçar de processo o cardiologista

16 OUT 1998

Catia Seabra e Vannildo Mendes

BRASÍLIA. O coração do líder do Governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães, foi retirado horas depois de sua morte, no dia 21 de abril, sem que sua família sequer fosse avisada. Pai do deputado, o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), contou ontem que só soube da extração pelo seu assessor, Fernando César Mesquita, oito dias após a morte do filho, vítima de enfarte fulminante. E, até agora, não sabe que destino dará ao coração de Luís Eduardo.

O mais provável é que seja enviado ao Instituto do Coração, em São Paulo, para ser submetido a exames. Segundo Antônio Carlos, o cardiologista Hélcio Luiz Mizíara, chefe do Departamento de Anatomia e Patologia do Hospital de Base, decidiu guardar o órgão como salvaguarda, para defender a equipe que atendeu Luís Eduardo de qualquer acusação de negligência. Em maio, um mês de-

pois da morte, Mizíara foi chamado à residência oficial do Senado. Foi aí que se justificou.

— Disse que ele era um criminoso, passível de pena, por ter feito isso sem o consentimento da família. Ele reconheceu a culpa e afirmou que tomara a atitude como salvaguarda se houvesse acusação aos médicos, como era de hábito, e demonstrar a situação em que se encontrava o coração. Fui ríspido com ele, admiti que ele poderia ser processado — revelou Antônio Carlos.

Antônio Carlos só revelou a história para a mulher

Com lágrimas nos olhos, Antônio Carlos disse ainda que só contaria a história à mulher, poupando até mesmo a nora. Também pediu conselhos a amigos. Alguns sugeriram que mantivesse o coração numa vasilha transparente para exposição num monumento que será construído em homenagem a Luís Eduardo em Salvador. Já o cardeal-arcebispo do Rio,

dom Eugenio Sales, propôs que o órgão fosse enterrado junto com o corpo:

— Até hoje não aceitei (a recomendação de dom Eugenio) porque sei que seria doloroso para as pessoas que gostavam dele.

Depois da perda do filho, Antônio Carlos consultou cardiologistas para saber se houve erro médico no tratamento de Luís Eduardo. Todos responderam que seriam reduzidas as chances de ele sobreviver. Apesar disso, Antônio Carlos estuda a idéia de mandar o coração para o Incor, em São Paulo. Segundo ele, seria uma contribuição à ciência.

O Conselho Regional de Medicina (CRM) de Brasília abrirá sindicância para apurar se houve negligência, ilegalidade ou falta de ética na atitude dos médicos que conservaram em formol o coração de Luís Eduardo. A lei determina que órgãos retirados de defuntos sejam incinerados ou tenham outra destinação com padrões sanitários adequados. ■